



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Família, sociedade e subjetividades : uma perspectiva multidisciplinar / João Carlos Petrini, Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, (organizadores). -- Petrópolis, RJ : Vozes, 2005.

ISBN 85.326.3211-4

Apoio : Universidade Católica de Salvador e Pontifício Instituto João Paulo II para estudos sobre matrimônio e família.

1. Família 2. Família -- Aspectos religiosos -- Cristianismo 3. Família -- Aspectos sociais 4. Família -- Aspectos políticos 5. Família -- Aspectos psicológicos I. Petrini, João Carlos. II. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon.

05-5030

CDD-306.85

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências da família : Sociologia 306.85
2. Família : Sociologia 306.85

João Carlos Petrini  
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti  
(organizadores)

## Família, sociedade e subjetividades

Uma perspectiva multidisciplinar



Universidade  
Católica de Salvador



EDITORA  
VOZES

Petrópolis



Pontifício Instituto  
João Paulo II para Estudos  
sobre Matrimônio e Família

2005

## Pode a resiliência contribuir para a terapia familiar feminista?<sup>1</sup>

Célia Nunes Silva  
Silvia Maria Guerra Anastácio

### Introdução

O estudo da resiliência é atual e importante, por enfatizar os aspectos positivos do indivíduo ou da família, ao invés de priorizar a patologia. Ao se deslocar o interesse da doença para a saúde, privilegia-se o potencial de cura e crescimento do indivíduo na família, evita-se enfatizar a doença. Destacam-se os aspectos relacionais que encorajam o enfrentamento da adversidade, buscando-se ensinar aos integrantes de uma família a desenvolver a sua capacidade de resiliência.

A terapia familiar feminista ressalta que a forma tradicional em que os papéis de gênero se apresentam é rígida e coloca as mulheres em uma situação de profunda desvantagem. Assim como a resiliência pode ser aprendida e desenvolvida, este trabalho propõe que, também, os papéis de gênero passem por um processo de flexibilização; na medida em que se transmita aos formadores, bem como às crianças, uma educação de base menos rígida, homens e mulheres tendam a intercambiar os seus papéis, atendendo às mudanças de uma sociedade globalizada. Pode-se, desta forma, afetar o modo como o indivíduo se comporta na família e na sociedade, assim contribuindo para implementar esta capacidade resiliente em cada um.

Pretende-se, portanto, propor que a resiliência e a terapia familiar feminista possam ser recortadas de forma que se aponte a interseção entre

1. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Terapia da Família, em Florianópolis, julho de 2004.

ambos os conceitos. Estimula-se que se leve em conta uma gama maior de perspectivas, de comportamentos mais flexíveis, enquanto são buscadas soluções frente aos obstáculos com os quais o indivíduo se depara, no mundo contemporâneo. Para demonstrar esta interseção, serão cotados registros de atendimentos prestados a famílias carentes, observando-se como a força da resiliência e os papéis de gênero ficam explicitados nas famílias atendidas. Com isto espera-se mostrar como o conceito de resiliência e o enfoque feminista contribuem para incrementar possíveis soluções para os conflitos gerados na contemporaneidade.

#### Conceito de resiliência

O conceito teve origem na Física, e, naquele contexto, a resiliência de um material corresponderia à capacidade de deformação máxima que tal elemento seria capaz de sofrer sem que tivesse quaisquer danos permanentes. Assim, diferentes materiais apresentariam diversos modos de resiliência; e coube ao cientista inglês Thomas Young, em 1807, estudar a tensão e compressão de barras metálicas, introduzindo, pela primeira vez, a noção de elasticidade relacionada à resiliência (YUNES, 2001). Logo, flexibilidade e resiliência andam juntas.

Aplicando este termo às ciências sociais, Grotberg o definiu como a capacidade que as pessoas, a comunidade e os grupos têm de minimizar ou superar os efeitos nocivos das situações adversas. Posteriormente, pesquisas realizadas com um grupo de indivíduos, na década de oitenta, mostraram que aqueles (cerca de um terço da população estudada) que enfrentavam situações de conflito conseguiram sobreviver e até se saíram melhor do que a média obtida por outros submetidos ao mesmo tipo de situação conflituosa. Esses resultados despertaram a curiosidade dos pesquisadores, que se indagaram:

Que ensinamentos tiramos dessas pessoas resilientes para prevenir o sofrimento junto a outros menos afortunados? É possível estimular potenciais de resiliência que possam revitalizar essas pessoas? (VANISTENDAELE, 1999, p. 7)

Tais perguntas modificaram a perspectiva dos estudos sobre o tema, pois a ênfase deixou de ser nos pontos débeis e deficientes do ser humano para se centrar nas qualidades de cada indivíduo e como melhor aproveitá-las. Logo, resiliente é mais que sobrevivente, é aquele que sai fortalecido de uma situação adversa; e sai da situação ainda melhor que antes. A resiliência é, na verdade, moldada na adversidade, e não apesar dela, pode ser fortalecida pelo sistema de crenças de cada um, de modo que, em meio a fatores negativos, tal fator seja capaz de desencadear experiências com resultados positivos. F. C. o  *coping*  que permite ao ser humano lidar positivamente com as adversidades.

Lazarus & Folkman (1984) associam a palavra  *coping*  a estratégias, habilidades ou recursos de enfrentamento de problemas. Fala-se de "competência" quando o indivíduo consegue lidar com estratégias de  *coping*  eficientes para reduzir os fatores adversos e obter uma melhor adaptação ao ambiente. Masten & Coatsworth acham que ter competência é ser bem-sucedido "no desempenho de tarefas, dentro de um determinado contexto cultural, de uma sociedade e de uma época" (1998, p. 206).

O fator essencial para que haja resiliência é que o indivíduo seja capaz de encontrar um significado e um objetivo para a sua vida, para as suas crenças pessoais. Identificar um sentido é reconhecer que há algo positivo na vida, independente das condições adversas em que se encontra o sujeito, e este sentido traz coerência e orientação à existência, movendo o sujeito para frente.

A resiliência é, pois, uma experiência natural de tenacidade da existência, quando tudo mais parece estar perdido. Este enfoque traz uma esperança realista porque, sem negar os problemas do cotidiano, chama atenção para as forças positivas, que se encontram escondidas sob um potencial a ser desenvolvido. Mas que, com habilidade e perseverança, este potencial pode ser trabalhado e transformado em qualidades que passem a fazer parte do dia-a-dia do sujeito. Conseqüentemente, tal abordagem considera a vida como um processo em que intervêm múltiplas variáveis, negando-se uma visão determinista da vida. Além do que, a resiliência mostra a importância de valores como paciência, empatia, capacidade de conviver com as diferenças, de ouvir, enfatizando-se que não se deve reduzir o sujeito ao seu problema, pois esta leitura não privilegia a solução, mas sim, provoca a perpetuação de um estigma, de um rótulo. Nessa ótica, privilegiam-se as forças e qualidades, não os defeitos e as limitações.

#### Pós-modernismo, feminismo e terapia familiar feminista

A filosofia resiliente elege a flexibilidade como um conceito-chave, e a terapia familiar feminista, ao protestar contra os papéis tradicionais de gênero, aponta, também, para a necessidade de uma flexibilização desses papéis. Segundo Kristeva, a trajetória das lutas feministas pode ser vista histórica e politicamente como tendo percorrido três momentos distintos. Primeiro, as mulheres reivindicam direitos iguais tanto para elas como para os homens; este é o feminismo liberal. Segundo, elas rejeitam a ordem simbólica masculina e clamam em favor da diferença; é o momento do feminismo radical.

Finalmente, a terceira posição, a do feminismo metafísico, defendida pela francesa Kristeva, segundo a qual as mulheres rejeitam a dicotomia

entre o masculino e o feminino. Buscam, pois, diluir uma oposição rígida entre os sexos, e defendem uma construção de gênero fluida, múltipla e complexa (MOI, 1985).

A crítica Ann Kaplan refere-se às transgressões, que combatem a oposição rígida dos gêneros e têm provocado um mal-estar típico do pós-modernismo. Tal fator de resistência cria tensões e questionamentos, colocando em xeque códigos culturais e afiliações rígidas. Em realidade, o pós-moderno marca uma ruptura de padrões estabelecidos no modernismo (período de transição entre o romantismo do século XIX e o atual contexto cultural) (KAPLAN, 1993).

O pós-moderno, que Kaplan convencionou chamar de "utópico", é produto da desconstrução de um modelo tradicional, que instaura uma ruptura cultural. Esse tipo utópico expressa uma tendência relevante para as correntes feministas de vanguarda, que propõem contemplar discursos não hierarquicamente ordenados; discursos que fogem das oposições rígidas entre os papéis masculino e feminino, transcendendo o binarismo das tradições filosóficas ocidentais. O pós-modernismo marca, portanto, um movimento para além dos tradicionais posicionamentos ligados à classe, raça e ao sexo, implicando este discurso em uma nova posição mais libertadora para homens e mulheres (KAPLAN, 1993).

Como a construção dos papéis de gênero interfere nas relações dos indivíduos na família e na sociedade? Os papéis de gênero tradicionais definem a construção feminina e masculina de forma rígida, redutora, que leva a uma disputa de poder. Esses papéis ignoram a opressão a que as mulheres estão sujeitas e a tendência, na última década, tem sido criticar os pressupostos sexistas, que reconhecem a existência de papéis específicos para homens e mulheres (RAMPAGE, 1995).

Dentro dessa perspectiva, observa-se a existência de uma terapia feminista da família, que nada mais é do que:

A aplicação da teoria e dos valores feministas à terapia de família. Mais especificamente, a terapia feminista da família examina a maneira de a qual os papéis e estereótipos de gênero afetam: 1) cada indivíduo na família; 2) as relações entre os indivíduos na família; 3) a relação entre a família e a sociedade; 4) a relação entre a família e o terapeuta. O tornar mais claro tais efeitos permite à família levar em conta uma gama maior de perspectivas, comportamentos e opções, enfim, uma variedade menos rígida de papéis e de possíveis construções de identidade (RAMPAGE, 1995, p. 29).

As expectativas culturais tradicionais seriam de que a mãe fosse, primordialmente, a que zela; o pai, o mantenedor, e, conseqüentemente, o periférico com relação ao cotidiano familiar, a não ser quando tivesse que tomar decisões quanto a possíveis transgressões de poder. Mesmo quando

a mulher trabalha fora de casa, ela é vista como a principal responsável pelos filhos, sendo que tanto a sua carreira quanto as suas necessidades pessoais ficam em segundo plano, com relação às de seu marido. Desconsiderando o fato das esposas trabalharem fora de casa ou não, ainda hoje, é comum que o marido assuma a posição de chefe.

Said observa a emergência de um determinado padrão social, ao conceber a estrutura de uma família como uma pirâmide. O que está no topo da pirâmide frequentemente tenta desmerecer e desqualificar a importância do que se encontra embaixo, na base, especialmente, por motivos de prestígio. Mas a questão é que o que está acima acaba descobrindo que não apenas depende do outro que está embaixo, mas também que, simbolicamente, a parte inferior da pirâmide constitui um elemento de base importante para o equilíbrio do que se sente superior.

O que resulta desse processo visto sob uma perspectiva contemporânea é uma fusão de poder fluido, pois se reconhece que há uma dependência entre as partes. Nesta pirâmide familiar, o pai, segundo o modelo tradicional, assume o pico da pirâmide, e a mãe, a sua base. Mas o elemento que aparece em uma posição submissa, inferior, situado na base, ou seja, a mãe, acaba se tornando, também, simbolicamente, central, pois ela é a figura responsável pelos laços afetivos da família, e cantada pelos repertórios imaginários da cultura dominante.

Conclui, apesar de central, na vida cotidiana da família a mãe é, freqüentemente, um elemento desprovido de poder e importância; enquanto o homem, que é periférico quanto ao cotidiano dos problemas familiares, desempenha um papel de maior poder financeiro e decisório. Mas o que ocorre é que o homem depende da mulher, e a razão pela qual pode parecer tão invejavelmente forte ou independentemente deve-se ao fato de que as mulheres fazem-se responsáveis pelas relações afetivas da vida dele (STALLYBRASS, 1986).

A mãe, a irmã, a filha, a esposa, a secretária e a amante estão absorvidas na realidade dele, desempenhando um papel de apoio, de manutenção dos relacionamentos, na medida em que ele, munido de toda a coragem do mundo, enfrenta o mundo, aparentemente sozinho. As mulheres serão possíveis: mostrar-se fortes e independentes, à semelhança dos homens, somente quando e se elas tiverem o apoio que é proporcionado aos homens. Ou as mulheres proporcionam umas às outras esse apoio, ou então deverão esperar até que os homens sejam educados diferentemente, de modo que eles aprendam a oferecer este amparo às suas companheiras – e desejem fazê-lo (GCODRICH et al., 1990, p. 36).

Na realidade, tanto homens quanto mulheres são responsáveis pela qualidade da vida familiar, na contemporaneidade, e, mais do que uma definição ou uma diferença rígida de papéis, o que marca os bons relacionamentos é a reciprocidade e a interdependência. A estrutura familiar

não necessita, pois, ser hierárquica para a execução das suas funções, mas ela deve ser democrática, compreensiva e consensual. O respeito, o amor e a segurança necessários para a satisfação e o crescimento humanos são igualmente possíveis numa variedade de arranjos familiares.

#### Papéis de gênero na promoção da resiliência

Como associar essa pirâmide familiar aos papéis de gênero, visando à promoção da resiliência? Esta análise propõe que a terapia feminista pode assumir a mesma perspectiva democrática e flexível da resiliência. Tal como existe um repertório de conhecimentos sobre a resiliência, que permite afirmar ser possível promover uma visão mais otimista da vida, também se propõe aqui neste estudo que é possível conscientizar as pessoas para desenvolver papéis de gênero mais equânimes e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

Na esteira da conscientização de uma sociedade mais igualitária estaria um programa de educação de base, com a finalidade de formar sujeitos mais flexíveis e criativos. Na sociedade contemporânea, em que a globalização tem estimulado a substituição da força de trabalho por máquinas, especialmente o computador, registrou-se um maior índice de desemprego; de modo que a instabilidade dos indivíduos e de suas famílias aumentou, gerando uma situação de estresse danosa à saúde e às relações dos indivíduos, quer na família, quer na sociedade. Estas mudanças sociais passam a requerer das famílias que elas adotem papéis de gênero mais flexíveis.

Nesse contexto, a mulher tanto pode trabalhar fora, assim contribuindo para o sustento da família e não deixando o papel de provedor apenas sob a responsabilidade do homem, como também conserva parte do seu papel tradicional, ao responsabilizar-se pela vida afetiva familiar. Além disso, tais mudanças sociais requerem do homem, que em acréscimo ao seu papel de provedor, que ora é complementado pelo salário da companheira, ainda participe da vida cotidiana dos filhos, anteriormente delegada apenas à esposa.

De forma que esse duplo papel, tanto dos homens quanto das mulheres, dá mais flexibilidade à família, que é capaz de se adaptar a uma gama maior de situações. Logo, quando o homem estiver desempregado, a mulher contribui para o sustento familiar; e, quando a mulher estiver trabalhando fora de casa, o marido pode ficar cuidando dos filhos, que não ficariam desamparados com a ausência da mãe. Este duplo papel desempenhado pelos dois protagonistas acarretaria, como consequência, uma maior flexibilidade à família para enfrentar as dificuldades e os obstáculos, assim aumentando a capacidade de resiliência dos seus integrantes. Ou seja, esta análise propõe que, ao aumentar a flexibilidade dos papéis de gênero, estar-se-ia também contribuindo para implementar a resiliência familiar.

Não apenas a capacidade de adaptação familiar poderia ser aumentada, mas também o nível de estresse enfrentado por cada um de seus membros ficaria bem menor porque, na ausência de um deles, quer por doença, morte, separação ou quaisquer outras eventualidades desestruturantes, haveria uma maior facilidade de readaptação da família às novas circunstâncias. Uma vez que isto ocorra, os papéis de gênero já teriam sido gradualmente desenvolvidos, e, então, não precisariam ser conquistados, a duras penas, por conta de uma necessidade premente.

#### Aprendizagem de resiliência

Desenvolver uma habilidade resiliente é vislumbrar um horizonte ético, pleno de significado e esperança no futuro. Um dos principais pilares da resiliência é o estabelecimento de metas que motivem o sujeito a seguir em frente, com coragem e determinação, apesar dos obstáculos com que se depare. Essa perspectiva resiliente requer educadores e formadores de opinião comprometidos e empenhados em desenvolver a criatividade do sujeito através da valorização dos aspectos positivos do ser humano, e visando implementar a sua auto-estima, bem como a autoconfiança, elementos indispensáveis à superação dos obstáculos presentes na sociedade contemporânea.

Tudo isso requer um planejamento, segundo o qual as metas adotadas têm de valorizar a construção de um ambiente solidário e capaz de promover o potencial das pessoas envolvidas. Na medida em que os educadores planejem o futuro, sensibilizando a equipe de trabalho a traçar objetivos, com a participação e voz ativa de todos, tais atitudes despertarão o compromisso e a responsabilidade dos seus integrantes. Dentro dessa ótica, rejeitam-se atitudes autoritárias e fatalistas, além de se privilegiar a participação ativa de um sujeito capaz de fazer escolhas com mais autonomia. Adota-se, então, uma educação orientada para a aplicação prática do saber, de modo que o aprender passa a ter um sentido pessoal para a vida de cada um, não se limitando a um mero acúmulo de conhecimentos teóricos em um vazio conceitual.

Reflexões a partir das ideias de Paulo Freire, especialmente em *Pedagogia do oprimido* (2000a) e *Pedagogia da indignação* (2000b), poderiam nortear este tipo de formação orientada para o respeito aos interesses individuais, às diferenças, considerando sempre as diversidades e os valores culturais, enfim, a comunidade na qual o sujeito está inserido. Paulo Freire advoga "um método abrangente, pelo qual a palavra ajuda o homem a tornar-se homem, e a linguagem, o diálogo, passa a ser um processo cultural" (2000a). Ele recolocava a educação no "espaço do coloquial e do afetivo", pontuava que "não se educa sem a capacidade de se indignar diante de injustiças" (CASALI *opud* FREIRE, 2000b). Enfim, diante de um trata-

mento injusto das questões sociais, incluindo as questões de gênero, os educadores devem buscar promover a cidadania e tornar o indivíduo mais flexível, mais forte, mais resiliente.

Uma educação que deseja promover um discurso resiliente, por sua vez, recomenda que se conjugue, da seguinte maneira, os verbos *ler, ser, estar, poder, e dizer*:

Tenho... pessoas, ao meu redor, em quem confio e que gostam de mim, incondicionalmente... pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas... pessoas que me mostram, através de sua conduta, como proceder, mas que também me estimulam a aprender sozinho... pessoas que me ajudam quando estou doente ou em perigo, ou quando necessito aprender.

Sou... uma pessoa por quem alguém sente apreço e carinho... respeito comigo mesmo e com o próximo... fiz quando algo algo bom para os demais e lhes demonstro o meu afeto.

Posso... encontrar alguém que me ajude quando necessário... buscar um momento apropriado para falar com alguém ou agir... controlar-me quando tenho vontade de fazer algo perigoso ou que não está correto (VANILTEHDAEL, s.d.).

Além disso, para Aurora Fiorentini, uma educação resiliente pretende estimular, no sujeito, as seguintes características:

- Insição ou introspecção, que é a capacidade de examinar-se internamente, fazer-se perguntas difíceis e dar-se respostas honestas.
- Independência, que é a capacidade de manter distância emocional com relação aos problemas, sem cair no isolamento.
- Interação ou a capacidade de estabelecer laços íntimos e satisfatórios com outras pessoas.
- Sentido de humor ou predisposição à alegria, que permite afastar-se do foco de tensão, relaxar e positivar.
- Consciência moral, que abarca toda a gama de valores internalizada por cada pessoa, através de seu desenvolvimento vital.
- Criatividade ou a capacidade de estabelecer ordem, beleza e objetivos a partir do caos e da desordem (FIORENTINA, s.d.).

Portanto, observa-se que a confiança, a solidariedade, o afeto, o diálogo, a inclusão, o respeito, o autoconhecimento, a independência, a interação, a empatia, o bom humor, a consciência moral e a criatividade são elementos-chave para o treinamento da resiliência. Avaliando esses fatores e aproximando o valor resiliente do âmbito do feminismo, bem como da terapia de família, o estudo aqui proposto sugere que uma relação mais equânime requer uma flexibilização das funções desempenhadas pelos papéis de gênero. Esta flexibilização, por sua vez, implica na presença de um sujeito com maior plasticidade mental, capaz de perceber soluções ou caminhos alternativos, ou até vir de situações adversas, como uma estratégia para lidar com os problemas e distanciar-se deles.

É possível adaptar velhos papéis de gênero a novas roupagens, a fim de que a família se ajuste às exigências de uma sociedade continuamente em mutação. Isto se chama criatividade, uma força que brota dentro de cada um, da qual emanam elementos como: intuição, que é o meio de conhecer imediatamente algo sem recorrer ao raciocínio; a vontade, que é a força que se pode mobilizar para materializar objetivos; a coragem, que implica em aceitação de desafios; e a compaixão, que possibilita o sujeito a colaborar com o outro e trabalhar em equipe, valorizando os esforços dos companheiros, mesmo quando eles falham. Além disso, a compaixão para consigo próprio silencia a voz do autojulgamento, que desencoraja a aceitação de riscos (GOLEMAN et al., 2000: 30, 39).

#### Cotejo de momentos resilientes nas famílias atendidas

Atendendo famílias carentes no Centro de Orientação Familiar da Bahia, Salvador (COFAM), ficou evidente como a força da resiliência atua no cotidiano das pessoas, interferindo no modo como os papéis de gênero são interpretados e desempenhados. Como amostragem, serão avaliadas falas de duas famílias basicamente matrifocais.

No primeiro caso, trata-se de uma família trigeracional, composta pela mãe, D. Rita<sup>2</sup>, 38 anos, desempregada, que eventualmente faz faxina; sua filha, Ana, 20 anos, desempregada, que também, ocasionalmente, trabalha com limpeza; seu irmão, Davi, 17 anos, estudante, que está procurando emprego, sem muito sucesso; Nina, 5 anos, estudante; e Rui, 9 meses, filho de Ana. D. Rita também tem um parceiro, Sr. Ary, 43 anos, desempregado, que, no último trabalho, desempenhou o papel de auxiliar de serviços gerais, e o qual nunca veio às sessões do COFAM.

O padrão básico da família é a repetição de que as mulheres funcionam como principais provedoras, enquanto os homens ou estão ausentes ou são periféricos. Desde o primeiro momento, Rita demonstrara liderança, ao trazer a família para a terapia, apesar de os filhos não terem desejado vir ao atendimento. O motivo da terapia foi ocasionado, especialmente, pelo falecimento da bisavó de Nina, o que ocorrera cerca de dois anos antes; desde então, a menina chorava frequentemente pela ausência da bisavó, enquanto Rita e Ana também sentiam a sua ausência, pois a senhora era vizinha e com ela contavam, nas suas dificuldades.

A outra queixa foi que a família morava em um bairro popular, tido como muito perigoso, e Davi ficava perambulando pela rua, boa parte do

2. Os nomes citados são fictícios, visando manter a privacidade das famílias, que assinaram um Consentimento Livre e Esclarecido para que esses dados fossem incluídos na pesquisa.

tempo; isto preocupava a mãe, que temia que o filho se envolvesse com más companhias. Mas D. Rita enfrentava tudo com muita coragem, embora admitindo que a ausência da mãe fora uma perda irreparável:

Eu sempre criei, mas no corre-corre do trabalho, minha mãe ficava com Nina. Minha vida mudou muito [após a morte da bisavó]. Porque não me preocupava com nada porque tinha a minha mãe. Se eu tivesse de ir para os Estados Unidos, minha mãe ficava e eu não me preocupava. Minha vida mudou porque se eu tinha dificuldades, ela me ajudava. Era um cacete pra um, roupa pro outro. Além alimento, que às vezes faltava, naquele cia eu não me preocupava porque minha mãe lá me dar. (...) Às vezes, me admiro da minha família, eu sou a cumeira da casa. Às vezes, eu não acredito que eu faço tanta coisa, foi difícil trazer todos aqui, e eu pensei "Vou chegar, não que seja atirada, mas eu vou".

Portanto, D. Rita, sempre mostrando determinação, liderança e fortaleza, destacou a importância de sua própria mãe para o equilíbrio da família, complementando: "Ela era uma rainha. Teve sete filhos, e, com exceção de dois, todos moravam perto dela, e ela ajudava a todos". De fato, D. Rita parecia perpetuar o modelo da mãe, como mulher provedora e forte.

Algumas sessões depois, a família relatou modificações nos padrões de comportamento, inclusive mencionando que o companheiro de D. Rita estava até ajudando em casa, e disse Davi: "Quando Ana sai, ele [Sr. Ary] toma conta do menino. Melhorou. Fica dentro de casa para tomar conta do menino". O que transparece desse diálogo é que foi conquistada, pela família, uma certa flexibilidade de papéis de gênero, na medida em que, com criatividade, outras estratégias foram acionadas pelos seus integrantes, que conseguiram suplantar alguns dos obstáculos que estavam enfrentando.

A segunda família atendida é composta de: Dona Leda, 38 anos, tem dois filhos do primeiro relacionamento – Pedro, com 18 anos, que mora com o pai, estudante, e Lila, com 17 anos, que mora com a mãe – e uma menina, Jane, com 6 anos, do segundo relacionamento. Trata-se, pois, de uma família monoparental, com dupla paternidade, com filhos de ambos os relacionamentos e com faixas etárias díspares: filhos adolescentes e uma criança pequena.

O padrão básico da família é que os homens costumam afastar-se das mulheres, depois de certo tempo, deixando-as desoladas e deprimidas. O primeiro e o segundo marido haviam abandonado D. Leda, e até seu filho adolescente, Pedro, que ela havia criado sozinha, resolvera ir morar com o pai e a madrasta. O pai havia preferido a antiga companheira [D. Leda] para ficar com essa nova mulher, e ainda assim Pedro deixara a mãe para morar com o pai e sua atual companheira. Além disso, também Lila teria sido abandonada e traída pelo namorado, de quem estava quase noiva e

com o casamento previsto para se realizar em breve, chegando a verbalizar, em meio à sua decepção: "Os homens são todos uns canalhas".

A liderança da família fica por conta de D. Leda, que se sente sobrecarregada pela responsabilidade familiar, pois tem de ser a provedora e a cuidadora dos filhos. É a única que trabalha em casa, fazendo serviços gerais, em um escritório; por isso, a jovem adolescente, Lila, frequentemente toma conta da irmã pequena, substituindo a mãe, na ausência desta. A resiliência de D. Leda é, então, ressaltada:

A minha vida inteira sozinha, criando meus filhos, trabalhando, fazendo tudo sozinha. (...) Eu era nova, com duas crianças. Ele simplesmente achou essa mulher e esqueceu que tinha dois filhos. (...) Quando ele foi embora, meu filho Pedro tinha um ano, e minha filha Lila, tinha meses. Fico muito sobrecarregada sendo pai e mãe dos meus filhos, tudo quem resolve na família sou eu. Como mulher, preciso de um companheiro.

Mas apesar de se sentir triste por ter sido abandonada, D. Leda procurou construir uma imagem positiva do pai de Jane para que a filha continuasse respeitando-o. Desse modo, teria ficado claro que D. Leda havia conseguido separar os conflitos que enfrentava no seu papel de mulher com o ex-marido de um outro papel desculpado por ele: o de ser pai de sua filha. Apesar de todo o sofrimento e decepções que vinha enfrentando, ao longo da vida, ainda assim D. Leda conseguiu preservar a imagem positiva do pai de Jane frente à criança, demonstrando responsabilidade e flexibilidade no seu papel maternal. Afirmando ela:

Ele é um pai amoroso. Foi bom pai. Sempre foi bom pai, provedor, sempre proveu e ajudou sempre. Foi com pai (...). Jane quando está com o pai, fica muito feliz.

Essa atitude nobre de D. Leda é muito sábia, pois assim ela busca preservar a saúde mental da filha, inclusive para que a criança possa, no futuro, se relacionar bem com os seus companheiros. Assim, D. Leda faz questão de manter a ligação afetiva da filha com o pai, o que demonstra também flexibilidade para lidar com diversos papéis, por vezes conflitantes entre si. Convém, ainda, ressaltar a capacidade dessa mãe para dialogar com os filhos, buscar o lado positivo da vida e valores mais otimistas, trazendo esperança para os filhos e prestigiando as suas qualidades, apesar de todas as dificuldades enfrentadas:

Eu e Lila somos caseiras. Meus filhos conversam comigo, são abertos, eu echo. Eu procuro mostrar o lado bom da vida a Lila. Digo a ela que ela merece uma pessoa boa, pois é uma boa filha, boa irmã, boa tudo.

Final, com o objetivo de rastrear possíveis acontecimentos extraordinários, perguntou-se a D. Leda:

Terapeuta: – Qual a fonte de tanta força e otimismo?

D. Leda: – É por causa do amor que tenho pelos meus filhos. São eles que me levam para frente.

#### Considerações finais

Pôde-se comprovar, ao longo da argumentação desenvolvida neste trabalho, incluindo as falas cotejadas em diálogos apresentados pelas famílias atendidas, que existe uma afinidade entre os conceitos de feminismo e resiliência. Esta interseção, demonstrada na presente análise, enfatiza traços que ambos os conceitos de resiliência e feminismo apresentam, como: criatividade, flexibilidade, comunicação franca e aberta, humor, dentre outros, capazes de aliviar a tensão e causar um distanciamento da situação ansiogênica. Tais elementos promovem, então, tanto a auto-estima quanto a autoconfiança do indivíduo, servindo de *blun* para que este possa enfrentar o futuro com esperança e com espírito de solidariedade em relação ao outro.

#### Referências

- FIORINI, Aurora. Depoimento. 66.34.95.89/editorial/r\_e\_s\_i\_l\_i\_e\_n\_c\_i\_a.htm
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz & Terra, 2000a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UESP, 2000b.
- GOLEMAN, D. et al. *Espírito criativo*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- GOODRICH, T. et al. *Terapia feminista*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- KAPLAN, Ann (org.). "Feminismo/Édipo/Pós-modernismo: o caso da MTV". In: *O mal-estar no Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 45-63.
- KRISTEVA, Julia. Women's time. In: *The Kristeva Reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- LAZARUS, R. & FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. Nova York: Springer, 1984.
- MASTEN, A.S. & COATSWORTHY, J.D. The development of competence in favorable and unfavorable environments. *American Psychologist*, 33 (2): 205-220, 1998.
- RAMPAGE, C. & AVIS, J. Identidade sexual, feminismo e terapia familiar. In: FLKAIM, M. (org.). *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998, v. 2, p. 189-221.
- STALLYBRASS, P. & WHITE, A. *The politics & poetics of transgression*. New York: Cornell University Press, 1986.
- VANISTENDAELE, S. *Resiliência. Como crescer superando os percalços. Capitalizar as forças do indivíduo*. São Paulo: BICEINDICA, 1999.